EXPOSIÇÕES DE ARTE E GÊNERO: PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES EM ARTE CONTEMPORÂNEA

Rosa Maria Blanca[1]
Jacks Ricardo Selistre[2]
William Silva[3]
Letícia Honorio[4]
Georgia Zampieri[5]
Livia Cocco[6]

Resumo. Este artigo discute a importância de estratégias expositivas e curadorias para a problematização de imagens (des)identitárias na arte contemporânea. Apresenta as práticas expositivas como modos de produzir conhecimentos que questionem os processos de classificação de identidade e como lugar de confrontação estética. Questiona-se a produção de conhecimento sujeita em um regime epistemológico visual binário. Sugere-se que as curadorias a partir de uma perspectiva de gênero abrem espaços para a produção de subjetividades, permitindo (des)identificações no espaço expográfico. Analisam-se exposições e práticas artísticas do Laboratório de Arte e Subjetividades (LASUB) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Palavras-chave. arte contemporânea; curadorias; estudos de subjetividades; imagens (des)identitárias;

EXHIBITIONS OF ART AND GENRE: PRODUCTION OF SUBJECTIVITIES IN CONTEMPORARY ART.

Abstract. This article discusses the importance of expository and curative strategies for the problematization of (un)identity images in contemporary art. It presents expository practices as ways of producing knowledge that question the processes of identity classification and as a place of aesthetic confrontation. The production of subject knowledge is questioned in a binary visual epistemological regime. It is suggested that

curators from a gender perspective open spaces for the production of subjectivities, allowing (des) identifications in the expographic space. Analyzes of gender and queer clipping expositions, as well as the artistic practices of the Laboratory of Art and Subjectivities (LASUB) of the Federal University of Santa Maria (UFSM) are analyzed.

Keywords. contemporary art; curators; studies of subjectivities; images (dis) identity;

INTRODUÇÃO

Este artigo discute a importância de estratégias expositivas e curadorias para a problematização de imagens (des)identitárias na arte contemporânea. Apresenta as práticas expositivas como modos de produzir conhecimentos que questionem os processos de classificação de identidade e como lugar de confrontação estética. A partir dos estudos de subjetividades, *queer* e feministas, problematiza-se a produção de conhecimento sujeita em um regime epistemológico visual binário. Sugere-se que as curadorias a partir de uma perspectiva de gênero abrem espaços para a produção de subjetividades, permitindo (des)identificações no espaço expográfico. Analisam-se exposições de recorte de gênero e *queer*, além das práticas artísticas do Laboratório de Arte e Subjetividades (LASUB) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). O esboço de (in)sensibilidades através da projeção de espaços, desprende atos e gestos de sutilidade eminente. O caráter político, muitas vezes suscitado pelas obras, podem chegar a constituir-se como ecos de realidades e contingências próprias da atualidade.

A produção da identidade nas exposições de arte tem sido estudada sob diversos prismas, como a antropologia, a genealogia e a história da arte. Os estudos feministas e *queer* problematizam a forma em que opera o conhecimento para a visualização de um regime identitário dominante. A arte contemporânea, a partir de uma perspectiva *queer* feminista, propõe-se a atravessar o espaço institucional binário, mediante exposições que ressignificam os processos de subjetivação e a produção de conhecimento sujeita em um regime epistemológico visual dicotômico: masculino/feminino, civilizado/selvagem, branco/preto, etc.

As subjetividades na arte constroem espaços para novos discursos e práticas a partir de outras perspectivas do sensível. Segundo Michel Archer (2001, p. 236), "a arte é um encontro contínuo e reflexivo com o mundo em que a obra de

arte, longe de ser ponto final desse processo, age como iniciador e ponto central da subsequente investigação do significado". As preocupações com a vida contemporânea estabelecem, portanto, estéticas que trazem marginalidades para o centro das discussões de convívio social e de acessibilidade aos espaços discursivos. Muitas vezes, ativismo e arte se sobrepõem, operando formas de resistência e posturas contra-hegemônicas, que realizam fissuras, desvios e estratégias de desnaturalização.

Os atuais estados de conservadorismo na sociedade parecem permanecer distantes das realidades que envolvem os problemas sociais, as discussões de gênero e sexualidades e a urgência de novas abordagens sobre o corpo, os afetos e a diversidade. Percebe-se que, quando trazidas à baila, estas discussões desestabilizam os formatos estruturais dos discursos dominantes.

O momento político atual é atravessado por manifestações que provocam tensões nos posicionamentos de diferentes discursos de cultura, de políticas, de crenças coletivas que disputam suas visibilidades. Diferentes saberes emergem através da necessidade de readequações dos modos de pensar a respeito das interações culturais. Há uma necessidade de mudança, acreditada através da igualdade nas manifestações coletivas e individuais, que buscam a possibilidade de coexistência para romper com as invisibilidades. A arte contemporânea se manifesta favorável ao debate e à reavaliação dos métodos de produção de significados, sensibilidades e normatizações do corpo e de suas formas de controle.

Teresa de Lauretis afirma no seu artigo *A tecnologia do gênero* (1994), que só é possível explicar o gênero por meio da representação construída e aceita por uma sociedade. A tecnologia sexual é um conjunto de técnicas que maximizam a vida, surgida a partir da concepção de que não há sexualidade, sendo criada para satisfazer a cultura das sociedades burguesas dominantes. As técnicas envolvem a elaboração dos discursos sobre quatro bases que vão desde a sexualização das crianças e do corpo feminino, o controle de procriação e a psiquiatrização do comportamento sexual. Esses discursos estão consolidados na pedagogia, na medicina e na economia, onde questões como sexo passarem a ser preocupações do Estado, exigindo uma vigilância total sob seus indivíduos, através da biopolítica. As exposições de arte, os museus e suas coleções, grande parte dos discursos da história de arte e da educação, do cinema e das culturas visuais, etc, constituem-se como tecnologias de gênero, por serem um conjunto de técnicas, métodos e instrumentos, que produzem gênero.

As exposições e curadorias que reúnem artistas com propostas (des) identitárias, reapropriam-se das tecnologias de gênero propondo modos de linguagem capazes de evocar outras temporalidades e percepções. Porém, algumas pautas da atualidade, utilizadas nessas poéticas visuais, são (des)classificadas através de uma visão binária dos discursos culturais dominantes. Não raramente, sob a acusação de apresentarem perigo, obras e exposições que intentam dar visibilidade às situações periféricas (minorias sociais, liberdades sexuais, etc.) colidem com as estruturas sociais convencionadas a partir de idealizações. É importante salientar que é a partir destes posicionamentos que se estabelecem as hierarquias de valores e as relações de poder, pautadas a partir dos dualismos e oposições que instalam modos de leitura e interpretação permeados pela linguagem (Medeiros, 2008). Neste âmbito, as sexualidades dissidentes, que não pertencem aos sistemas de representação da heteronormatividade, ocupam um espaço de transgressão. Promover debates sobre condutas sexuais e expressões de gênero, por exemplo, problematiza os espaços institucionais.

Simultaneamente, o circuito expositivo tem se mostrado aberto às mostras que abordam as intersecções entre gênero, sexualidade e arte. Desde os anos 1980, essas temáticas vêm sendo problematizadas pela vida e pela arte. Mais frequentemente essas exposições ganharam espaço na mídia, revelando que a arte se preocupa com as problemáticas sociais, inscrevendo-se assim na interdisciplinaridade.

A inserção das exposições do *queer* se associam ao desenvolvimento das teorias LGBTQIA, que influenciaram a revisão da história da arte (Crimp, 1999). Essas exposições ativaram estéticas e leituras renegadas em virtude de sua diferença. Assim, as novas narrativas surgiram com um potencial revelador/transgressor.

A alteridade, o androcêntrico e o binário são transpassados pelas exposições. Sugere-se a prática expositiva como um modo de produzir conhecimento que questione os processos de classificação identitária e como lugar de confrontação de si.

Uma pesquisa relevante no que se refere à invenção da alteridade tem sido desenvolvida por Lotte Arndt. Em *Une mission de sauvetage:* Exhibitions. L'invention du sauvage *au musée du quai Branly*, Arndt critica o tipo de mostras que pretendem desconstruir aquilo que estão reafirmando. A autora refere-se a exposições como *Exhibitions. L'invention du sauvage* (2011), exposta no Musée Quai

du Branly, onde o objetivo era produzir uma descolonização do olhar. Analisa o processo de hierarquização e racialização na ideia de classificação, e as inúmeras representações da outredade durante a colonização. A sistematização humana no racismo científico e a espetacularização da diferença são questões abordadas na mostra estudada por Arndt.

Outra pesquisa dentro do contexto das exposições *queer* e feministas, pertence a Fabiane Dumont. No seu artigo *Approches féministes et pensées queer en Europe* (2013), Dumont explica que as questões feministas, na América, embora tenham começado em 1970, só deram início, recentemente, na França. Contudo, a Europa tenta produzir seu próprio conhecimento no que se refere a gênero e ao *queer*. Enfatiza a importância da escolha de determinadas mídias, como a fotografia e o vídeo, em exposições como *Female Trouble*, na Pinakothek der, em 2008. Analisa o papel significativo de foto-performances, neste tipo de mostras, como uma maneira de desconstrução do estereótipo da identidade feminina.

No Brasil, destaca-se o artigo de Renato Pinto intitulado *Museus e diversidade sexual: Reflexões sobre mostras LGBT e Queer* (2012). Pinto discute a cultura material como elemento significativo para a apresentação da memória de identidades minoritárias no espaço museal. Propõe uma arqueologia *queer* e feminista, para apresentar o surgimento dos estudos de gênero na academia, sem desconsiderar o papel dos movimentos sociais. Explica como o androcêntrico determinou o olhar sobre o passado na academia, assim como a homogeneidade nos acervos e coleções dos museus de caráter colonizador.

ARTE E SUBJETIVIDADES

A produção artística contemporânea se salienta pela relação entre a vida e a obra do/a artista e suas subjetivações como parte do desenvolvimento poético. Isto quer dizer que o trabalho artístico está atrelado aos afetos, fragilidades, desejos e complexidades do/a artista. O/a artista se defronta a si mesmo/a. Nesse processo de se (a)rrostar surgem despojos, arrojos e quaisquer tipo de arrebatamentos, que se descobrem na tela, no papel ou qualquer suporte no espaço expográfico.

Várias exposições abordam criticamente a construção de identidades nas produções plásticas de artistas, mas pouco se percebe que muitas vezes reafirmam o que questionam. Embora falar de processos de subjetivação implique

falar de individuação, no contexto das ações do LASUB, existe um interesse na performatividade. Não se deseja afirmar as políticas de identidade ou de representatividade. Almeja-se produzir gestos que modifiquem formas de percepção de si e dos/as outros/as, aspirando ao estranhamento subjetivo, mediante estéticas em constante (re)invenção.

A arte como um artefato cultural também materializa as subjetivações através de estéticas que produzem significações e afetos. As sexualidades, as identidades, as questões étnico-raciais, por exemplo, podem ser engendradas dos imaginários e cânones construídos da arte como um dispositivo epistemológico. A liberdade artística também pode contribuir para desestabilizar essas categorias, propondo aberturas de paradigmas mediante a apresentação de espacialidades e (des)configurações plásticas.

As diferentes abordagens e olhares suscitados pela proposição artística que escapam à norma, provavelmente, são capazes de desenvolver outros discursos e geografias que não aqueles hegemônicos. Outras realidades, saberes e vivências, problematizam alguns valores e disciplinas na arte e na cultura.

Segundo Jacques Rancière (2012), as propostas artísticas se baseiam na criação de ficções como estratégias para a mudança de referenciais daquilo que é visível e enunciável. O autor diz que, nesse processo, as estratégias dos artistas intentam "mostrar de outro jeito o que não era facilmente visto, correlacionar o que não estava correlacionado, com o objetivo de produzir rupturas no tecido do sensível das percepções e na dinâmica dos afetos" (2012, p. 64).

O grupo de artistas pesquisadores(as) do Laboratório de Arte e Subjetividades (LASUB) da Graduação e da Pós-Graduação de Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) se utiliza deste viés para discutir realidades em gênero, sexualidades, questões étnico-raciais e formações identitárias.

O LASUB surge em 27 de maio de 2015 no Curso de Artes Visuais. Em um primeiro momento, foi configurado por discentes da graduação e logo da pós-graduação, sob coordenação de Rosa Blanca, que pertenceu ao Núcleo de Identidades, Gênero e Subjetividades (NIGS), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), sob coordenação da sua orientadora de doutorado, a antropóloga Miriam Pillar Grossi.

Em 2016, o LASUB passou a pertencer ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGART/UFSM). As Artes Visuais da UFSM não contavam

com grupos ou projetos de pesquisa que tivessem como objetivo os estudos de gênero. Nos primeiros encontros, tentou-se a autogestão, pois vários/as integrantes tinham trânsito nos movimentos sociais. Contudo, esse método de organização não teve sucesso. Houve muita instabilidade, no início. Alguns de seus/suas membros foram ou são: Ana Elisa Belizário, Caroline Pereira, Cheyenne Luge, Georgia Sampieri, Larissa Brum, Letícia Honorio, Livia Cocco, Jacks Ricardo Selistre, Marília Jeffman, Rai Silva, William Silva e outros/as integrantes, não menos importantes. Fora da UFSM, também atuam artistas e pesquisadores(as) como Marcelo Chardosim, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Lino Arruda e Eliana Ávila, da Universidade Federal de Santa Catarina, etc. Com projetos propostos pelo LASUB, várias integrantes têm sido bolsistas do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e do Fundo de Incentivo à Pesquisa (FIPE/UFSM).

A necessidade de discutir com base em teorias feministas e *queer* se fez eminente.

Após numerosos encontros e discussões, o objeto de estudo do laboratório (re)configura-se constantemente. Consensualmente, se decidiu não produzir arte de denúncia ou de caráter afirmativo. Privilegiar a arte e a subjetividade como fenômeno, parece ser uma das prerrogativas. Antepõe-se a subjetividade à identidade. Privilegia-se a pesquisa artística como um modo de percepção e de produção de si.

Através de ações coletivas que envolvem processos curatoriais e expositivos, assim como práticas colaborativas, o grupo apresenta e estuda visualidades que questionam e discutem os posicionamentos dominantes, em sua maioria, fundamentados por dicotomias e binarismos de identidades. Mediante pesquisas teóricas e de ações artísticas, abordam posicionamentos críticos com o anseio de ressignificar determinados modos de ver e ser na arte e nas relações interpessoais.

Pensando nos espaços de artes locais, da cidade de Santa Maria, tem-se como uma das potências a Sala Claúdio Carriconde, localizada dentro do Centro de Artes e Letras (CAL) na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Isso não somente por estar localizada dentro de um meio acadêmico, mas também por integrar um espaço onde se iniciam várias pesquisas e poéticas que buscam através da arte abordar essas reflexões (des)identitárias, questões LGBTQIA e feministas.

Através dos processos de subjetivação dos/as artistas, configuram-se divergências, determinados imaginários e discursos. Neste sentido, tornam-se políticos, pois estudam estratégias performativas que potencializam sensibilidades e sutilidades, somente possíveis no espaço expográfico da arte contemporânea.

Frente a essa realidade, o LASUB propõe visualidades e saberes que rompem com a agenda de normatividade na arte e expandem as noções de corpo, de sexualidades e de desejos, que constituem as subjetivações dos/das artistas que revelam outras identidades não correspondentes às dicotomias esperadas (Blanca, 2017).

No ano de 2016, o LASUB realizou a exposição *Trânsitos (Des)Identitários*[7], que abordou a subjetividade na construção dos próprios/as sujeitos artistas e as relações consigo e com o/a outro(a). A mostra apresentava diferentes estéticas, dentre elas visualidades gays, *queer* e feministas como propostas de desnaturalização da heteronormatividade, visibilizando dissidências através dos dispositivos de (re)invenção. No mesmo ano, a mostra é realizada na cidade de Porto Alegre[8].

Nas mostras, são usados painéis que se dispõem marcando intervalos e intervenções no espaço. A cada passo, o/a espectador/a é surpreendido por imagens ambíguas.

O projeto curatorial deseja que o/a visitante conheça distintos pontos de vista da subjetividade, a partir do deslocamento no espaço da mostra. Dessa forma, o enquadramento identitário fica em suspenso.

Participando das duas mostras, a artista Letícia Honorio tem desenvolvido através da fotografia e da pintura críticas às normatizações identitárias, que surgem através da imagem de corpos femininos. Na série de fotografias *"Sem título"*, onde é possível observarmos diversos recortes de corpos femininos, muitas dessas fotografias apresentam figuras acéfalas, retratos de sujeitos que não são passíveis de identificação facial, e em determinados momentos nem de gênero. A disposição dos fragmentos corporais sugerem um estranhamento do feminino. No entanto, as cores e sobreposições expressam a descoberta de uma estética produzida na proposição da pintura. Essa estética é também presente em outros trabalhos de Honorio, com serigrafia. Há uma busca pelo atraente e pelo prazer pictórico do corpo, sem aceitar a previsibilidade.

A imersão dessas personas transfiguradas nesse espaço expositivo remete à constante (des)construção ocorrida no processo de identificação de um

sujeito mulher e da subjetividade intrínseca na construção performática desses processos identitários. Além disso, fica evidente que os sujeitos apresentados através dessas fotografias não buscam se encaixar na estética construída a partir da reflexão dos padrões sociais de beleza, do *mito* que reforça os padrões binários normativos.

Jacks Ricardo Selistre propõe autorretratos realizados com tintas aguadas que se escorregam na tela. Mediante cores vivas, as pinceladas do seu rosto são praticamente transparentes. Não contêm nenhum indício do consenso formal estético. O gesto se impõe solto. Sem dramas, a sensação de si torna-se alegre.

Rosa Blanca apresenta um conjunto de desenhos com lápis Conté, sobre papel de seda. Os papéis são dispostos como voando em cima de um painel, brincando com as probabilidades do espaço. A fragilidade do papel dialoga com a fragilidade da subjetividade. São esboços de corpos alados, evocando anjos, seres além do sexo. A ideia de esboço sugere riscos do corpóreo, onde a identidade se dilui na delicada aparência (in)decifrável.

Em 2017 e a partir do contexto do marco do Seminário Internacional Fazendo Gênero 11, o LASUB realiza no Centro de Artes e Letras da Universidade Federal de Santa Maria, uma exposição coletiva que conta com obras de seus integrantes, junto de trabalhos das artistas da II Exposição Internacional de Arte e Gênero[9].

As obras apresentam experimentações semânticas e visuais, implicadas em discussões teóricas do LASUB, que propõem sentidos e percepções capazes de suscitar transgressões visuais, problematizando as estruturas e sistemas de poder, mas, sobretudo, explorando realidades culturais convencionalmente marginalizadas.

Na obra da artista Cheyenne Luge, por exemplo, uma artista pesquisadora que atuou no LASUB, a ressignificação artística se desenvolve através da apropriação de palavras, muitas vezes usadas como ofensas, como material para a elaboração de estéticas e visualidades que confrontam, a partir da cultura lésbica, a heteronormatividade.

Cabe destacar, que as manifestações artísticas do LASUB são desenvolvidas paralelamente das produções textuais[10] do grupo, que contribuem para os posicionamentos críticos sobre as políticas de produção de subjetividades. História, Teoria e Crítica e Poéticas Visuais são articuladas, privilegiando o exercício da

conceitualização, frente à práxis binária do sistema das artes que se empenha em separar a teoria da prática. Os estudos *queer* se propõem a desconstruir a maneira como se produz o conhecimento. Na arte, os meios, interlocuções, interligações, correlações e reciprocidades, são necessários para a modificação das maneiras de intervir epistemologicamente e metodologicamente, no campo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Laboratório de Arte e Subjetividades (LASUB) propõe-se a desenvolver exposições e projetos curatoriais em arte contemporânea, com a finalidade de contribuir para a desconstrução do gênero e das identidades e para a descoberta, ressignificação e produção de subjetividades. A maneira de operar é colaborativa, tentando deshierarquizar o modo de operação curatorial. Mediante uma museologia feminista, o processo de montagem busca estabelecer diálogos de forma a descobrir outros modos de pensar o espaço expositivo, para a configuração de uma intersubjetividade entre as obras, entre os/as artistas e entre o público.

A maioria dos/as integrantes do LASUB possui uma trajetória ativista, sugerem-se como uma multidão *queer*. Nesse sentido, as práticas artísticas propostas atravessam o espaço público e privado. Paul B. Preciado, em seu artigo *Multidões queer: notas para uma política dos "anormais" (2003),* aponta que o corpo da multidão *queer* está no trabalho de desterritorialização da heterossexualidade, uma vez que a desterritorialização afeta todos os espaços cotidianos e também o espaço corporal. Nesse processo corporal, nosso ser se vê obrigado a resistir aos meios do tornar-se "normal". E é nessa "normalidade" que a multidão *queer* vê então uma possibilidade de intervir nos dispositivos de produção de subjetividade sexual.

O espaço expositivo das mostras do LASUB sugerem ambiguidade, dissidência e vulnerabilidade (Blanca, 2017). Considerando a subjetividade enquanto elemento que constitui o corpo do/da artista, pensam-se as relações dos desejos e das singularidades que fazem parte do discurso poético e das seduções visuais. Reinventam-se sentidos e percepções.

No âmbito de grandes exposições institucionais que abordam o tema da diversidade, a aposta em curadorias mais inclusivas a respeito das identidades parece estar presente nas práticas artísticas curatoriais e pláticas do LASUB.

A arte contemporânea muitas vezes joga com as sensibilidades, não sendo sempre agradável. O potencial conceitual das obras de arte e a interpretação crítica são chaves para leituras artísticas. Entretanto, nem sempre a interpretação caminha de mãos dadas com as leituras conceituais. É importante não reafirmar o que se está questionando.

As exposições e práticas artísticas propostas pelo LASUB contribuem para a discussão de gênero e sexualidade, que são assuntos importantes para a construção da cidadania. Entretanto, esses são assuntos perseguidos por movimentos conservadores. Exemplo disso é a categoria ideologia de gênero, que pretenderia a interdição da discussão de gênero nas escolas, com a tentativa de fortalecer preconceitos já existentes.

Neste sentido, é importante discutir sobre arte e gênero a fim de produzir histórias da arte e discursos menos autoritários, mais plurais e inclusivos. Bem como se faz necessário discutir sobre as teorias de gênero na arte, a fim de compreendê-las como estéticas e subjetividades que não são normatizadas. As exposições *queer* se distanciam da heteronormatividade, alteram as perspectivas curatoriais, abrindo espaços para contradiscursos e para novas subjetividades. As interpretações de gênero são (re)significadas, outros discursos surgem e a história da arte se mostra no devir, sendo constantemente reescrita e revisitada, de modo a desconstruir paradigmas excludentes, abrindo-se à pluralidade.

Artistas subvertem o cânone binário de gênero, desconstruindo os paradigmas tradicionais da arte. Essas exposições se destacam pela autonomia artística, já que sua ação não era delimitada pelos cânones artísticos. A abordagem *queer* e de gênero contribui para a pesquisa em curadoria e subjetividades, propondo formas de produção de exposições, práticas e teorias marginais.

REFERÊNCIAS

ARCHER, Michael. *Arte contemporânea.* Uma história concisa. São Paulo, Martins Fontes 2001.

ARNDT, L. Une mission de sauvetage: Exhibitions. L'invention du sauvage au musée du quai Branly. *CAIRN. INFO. La Découvert | Mouvements*, Vol. 4 Nº 72, pp. 120 - 130, 2012.

BLANCA, Rosa Maria. Exposições queer: Contextos mundiais e locais. *Cadernos de Gênero e Diversidade*. Vol. 3 Nº 3, pp. 93 - 101, 2017.

CRIMP, Douglas. *Estudos culturais, cultura visual.* Revista USP, Brasil, n. 40, p. 78-85, feb. 1999. ISSN 2316-9036. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/28422>. Acesso em: 21 mai. 2016.

DUMONT, F. Approches féministes et pensées queer en Europe. *Perspective* [En ligne], 1 |, 592 - 598, 2011.

GUATARRI, Félix, ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 7. Ed. rev. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

LAURETIS, Teresa. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (Org). *Tendências e impasses.* O feminismo como crítica da modernidade. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MEDEIROS, Afonso. *O imaginário do corpo entre o erótico e o obsceno.* Fronteiras líquidas da pornografia Raimundo Martins (ed) Goiânia FUNAPE 2008. 1v.

PINTO, Renato. Museus e diversidade sexual: Reflexões sobre mostras LGBT e Queer. *Arqueologia Pública*. Nº 5, pp. 44 - 55, 2012.

PRECIADO, Paul B. Multidões queer: notas para uma política dos "anormais". Estudos Feministas. Vol. 1, Nº 19, p. 11 - 20, 2012

RANCIÈRE, Jacques. *O espectador emancipado*. Benedetti. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

NOTAS

1 Rosa Maria Blanca é docente, pesquisadora, curadora e artista, atuando no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria. É Coordenadora do Curso de Artes Visuais da mesma universidade. Possui Doutorado em Ciências Humanas (UFSC) e Mestrado em Artes Visuais (UFRGS). Coordenadora do LASUB.

2 Jacks Ricardo Selistre é pesquisador, artista e curador. É Mestre em Artes Visuais (PPGART/UFSM), com Bolsa CAPES. Atualmente é Doutorando em Artes Visuais (PPGAV/UFRGS). Integrante do LASUB.

3 William Silva é pesquisador, artista e curador. É Mestrando em Artes Visuais (PPGART/UFSM), com Bolsa CAPES. Integrante do LASUB.

4 Letícia Honorio é pesquisadora, artista e assistente de curadoria. Também é Graduanda do Curso Artes Visuais (CAV/UFSM). Como integrante do LASUB, foi Bolsista CNPq.

5 Georgia Zampieri é pesquisadora e artista. Também é Graduanda do Curso de Artes Visuais (CAV/UFSM) e Bolsista Fundo de Incentivo à Pesquisa (FIPE/UFSM). Integrante do LASUB.

6 Livia Cocco é artista e Graduanda do Curso de Artes Visuais (CAV/UFSM).

7 Exposição realizada no evento acadêmico *I seminário de (Des)Configurações e Subjetividades em Artes* na sala de exposições Cláudio Carriconde, no Centro de Artes e Letras da Universidade Federal de Santa Maria, 2016.

8 Bici-atletas voadoras. (Des)Configurações e Subjetivações em Artes: Gênero, sexualidades e sustentabilidades. Exposição coletiva promovida pela Secretaria Adjunta da Livre Orientação Sexual, Secretaria da Justiça e dos Direitos Humanos e Secretaria de Segurança Pública do Estado, realizada no Memorial da Justiça Federal RS, no período de 3 de agosto a 27 de outubro de 2016.

9 II Exposição Internacional de Arte e Gênero, realizada no Museu de Arqueologia e Etnologia, no marco do Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 junto ao Congresso Mundos de Mulheres 13 em Florianópolis SC, 2017.

10 Entre o visual, o musical e o escrito: poéticas das divergências. *Periódicus,* Salvador, n.4, v.1, nov. 2015-abr. 2016 – Revista de estudos interdisciplinares em gêneros e sexualidades. http:// www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus.